



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História

NICOLLE KATIUSCI BARBOSA DA SILVA

**Levantamento historiográfico sobre a
representação das feiticeiras na
Historiografia Brasileira**

Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História

NICOLLE KATIUSCI BARBOSA DA SILVA

***Levantamento historiográfico sobre a
representação das feiticeiras na
Historiografia Brasileira***


Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Artigo, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada no Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Professor Orientador: **Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos UFMS / FACH**

Campo Grande - MS

2024

BANCA



Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos – Orientador

UFMS

Especialista Luís Miguel Pereira Lacerda – Membro Titular

Especialista Robert Alexandre Gonzaga Padilha – Membro Titular

SEMED – CG / MS

Prof. Dr. Luis Filipe Bantim de Assumpção – Membro Titular



RESUMO

LEVANTAMENTO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS FEITICEIRAS NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Este artigo tem como objetivo explorar e analisar as representações das feiticeiras latinas na literatura romana antiga, com ênfase na construção do imaginário coletivo em torno da imagem da feiticeira e conceito de magia. Isso será feito a partir do levantamento historiográfico sobre o tema de fontes brasileiras, utilizando fontes de autores clássicos para explanar temas iniciais como as origens dos estudos sobre magia de forma crítica e seu lugar na História. Esta análise será realizada a partir do diálogo entre as fontes com foco em uma abordagem linear e cronológica sobre a conceituação de magia e o papel da feiticeira até sua representação literária. Este trabalho ainda reúne e descreve brevemente os estudiosos sobre o tema no Brasil, bem como seus principais trabalhos. O objetivo final é compreender melhor as implicações históricas para a concepção de feiticeira que existe até os dias atuais e discorrer sobre os significados para tais representações na literatura, bem como categorizar os diferentes estudos e definições para esse tema com o apoio dos autores que trabalham com isso no Brasil, contribuindo para a expansão desses estudos no meio acadêmico nacional.

Palavras chave: Feiticeiras romanas; Magia; Roma Antiga.

ABSTRACT

HISTORIOGRAPHIC SURVEY ON THE REPRESENTATION OF WITCHES IN BRAZILIAN HISTORIOGRAPHY

This article aims to explore and analyze the representations of Latin witches in ancient Roman literature, with an emphasis on the construction of the collective imagination around the image of the witch and the concept of magic. This will be done based on a historiographical survey on the subject of Brazilian sources, using sources from classical authors to explain initial themes such as the origins of studies on magic in a critical way and its place in History. This analysis will be carried out based on the dialogue between the sources, focusing on a linear and chronological approach on the conceptualization of magic and the role of the witch until its literary representation. This work also brings together and briefly describes the scholars on the subject in Brazil, as well as their main works. The ultimate goal is to better understand the historical implications of the concept of witches that still exists today and to discuss the meanings of such representations in literature, as well as to categorize the different studies and definitions of this topic with the support of authors who work on this subject in Brazil, contributing to the expansion of these studies in the national academic environment.

Keywords: Roman witches; Magic; Ancient Rome.

INTRODUÇÃO:

O estudo das feiticeiras romanas e suas representações culturais e literárias na Antiguidade desperta interesse por suas ricas implicações sociais, simbólicas e históricas. Esse trabalho, ao adotar o método de levantamento historiográfico, visa examinar como as feiticeiras romanas são abordadas por pesquisadores brasileiros, destacando suas análises sobre a iconografia, as práticas e o contexto das representações mágicas na literatura e na cultura romana. Os trabalhos acadêmicos de pesquisadores como Carlos Eduardo da Costa Campos, Semíramis Corsi Silva, Sarah Silva Tolfo e Arlete José Mota servem de base para o desenvolvimento de uma perspectiva cronológica e crítica sobre as feiticeiras, revelando como suas representações foram moldadas pelas dinâmicas políticas, sociais e ideológicas da Roma Antiga.

O objetivo principal deste estudo é entender como as representações das feiticeiras romanas nas obras literárias refletem e reforçam as concepções de gênero, poder e marginalidade no contexto do Império Romano. Para tanto, adotamos uma análise crítica e historiográfica dos estudos nacionais sobre o tema, abordando questões como o papel simbólico das feiticeiras nas relações de gênero e a relação entre magia e autoridade. O problema de pesquisa centra-se em como essas representações foram interpretadas e contextualizadas na historiografia brasileira, com ênfase nos métodos e nas conclusões apresentadas pelos pesquisadores nacionais.

Assim, este trabalho se estrutura a partir do levantamento e análise de fontes secundárias, discutindo como o simbolismo das feiticeiras foi sendo delineado e reelaborado na literatura e na prática mágica romana. Com isso, espera-se contribuir para a construção de um debate historiográfico fundamentado sobre a figura da feiticeira no imaginário romano e ampliar o entendimento das práticas mágicas como parte do cenário cultural da Antiguidade.

I – LEVANTAMENTO HISTORIOGRÁFICO ACERCA DA MAGIA COMO OBJETO DE ESTUDO

I.1- Definição de magia na Antiguidade:

A palavra “magia” quando citada sem contexto específico certamente poderá ser associada a muitos conceitos e estereótipos diferentes graças às numerosas representações ao longo da história que descrevem com detalhes seu significado e suas atribuições, que quase sempre estão interligadas e se fazem presentes pelo intermédio de um mago ou uma feiticeira. Está justamente nessa riqueza de interpretações a relevância de se questionar, afinal, o que é a magia?

Etimologicamente, a palavra magia encontra referência no grego como *mageía*, que é a matriz do latim como *magīa*, e seus significados nessa configuração são para definir tudo o que é sobrenatural. O termo *magike* pode se relacionar também, a partir dos termos *téchnē* e *magéia*, com a habilidade de produzir feitos inacreditáveis. Esses termos, por sua vez, encontram suas origens no antigo persa *magush*, que significa um poder excepcional (Veschi, 2019). De acordo com Silva (2014, p. 151) a palavra magia, tanto a grega quanto a latina, podem ter suas origens da palavra sânscrita *mah*, que significava a atividade do mago, este que em latim era *magus* e no grego *magos*. Por conotação, *magéia* inicialmente designava as atividades religiosas dos persas, que inclusive não eram retratados de maneira negativa até então. Ao analisar esses termos etimológicos e seus significados pode-se concluir que desde seus primórdios a expressão magia é multifacetada e engloba um conjunto de práticas, metodologias e crenças plurais, tendo como ponto em comum a definição de práticas extraordinárias que podem agir em benefício ou malefício com o auxílio de elementos ocultos.

Existe também uma pluralidade na definição e no estudo da magia ao longo da História, o fenômeno já foi analisado sob a ótica histórica, científica e antropológica. Ou seja, é necessária uma delimitação bem estabelecida de qual linha se pretende analisar ao falar sobre a magia enquanto objeto histórico.

Na antropologia, os estudos da magia formam uma conjuntura entre o social, o ritual e o religioso, onde nem sempre essas categorias são claras e objetivas, ou seja, a magia pode ser analisada sob diversas lógicas, porém seu cunho não

necessariamente se limita a categorias inflexíveis e bem sublinhadas. Não se pode afirmar com segurança onde termina o religioso e entra o ritualístico ou onde termina o ritualístico e entra o científico e assim por diante. Nesse sentido, será necessário estabelecer um panorama geral referente aos materiais disponíveis sobre a magia dentro do campo da antropologia pelo menos de acordo com sua caracterização inicial.

I.2- Perspectivas Antropológicas sobre o conceito de Magia:

Ademais, a área que primeiro abrangeu os estudos sobre magia foi a antropológica, e tem como um de seus grandes precursores o antropólogo escocês James Frazer (1854 – 1941). Para Frazer, a magia tem uma relação evolutiva consequencial e é descrita principalmente como uma técnica, seus pensamentos sobre a magia se materializam primeiramente em seu livro “*O Asno de Ouro*”, sobre este Brum (2023, p. 18) considera:

No “*The Golden Bough*”, Frazer pretende demonstrar a presença universal de determinados comportamentos e crenças humanas presentes nos mais diversos mitos. A questão era a de encontrar a origem de tais crenças, e assim reconstruir cadeias de causalidade, indo de crenças mais simples para as mais complexas. Desta forma, procede em seu método comparativo, concluindo que as sociedades humanas primitivas iniciaram com a crença na magia, sendo a religião um desenvolvimento a posteriori, que, na modernidade, redundaria na ciência, no sentido de uma teoria evolucionista.

Nesse sentido, Frazer se concentra em estudar o fenômeno da seguinte maneira: A religião como a crença em poderes superiores que são deuses e controlam a natureza e os homens, suscitando dessa forma a devoção e obediência dos seres que são inferiores, neste caso os próprios homens. A magia por sua vez é uma espécie de conjunto de princípios que permeiam a natureza e podem ser manipulados desde que se tenha o conhecimento sobre quais instrumentos usar para obter a resposta que se quer (Silva, 2014, p. 147). Corroborando com a sintetização referente aos pensamentos metodológicos de James Frazer, Silva (2014) adiciona:

A preocupação de Frazer era pensar a magia a partir da ação praticada, analisando a razão da crença na sua eficácia. Suas perguntas eram: o que rege o pensamento mágico? Por que se

acredita na magia? Frazer também se preocupou em fazer uma diferenciação entre o que seria a magia e o que seria considerado como religião, utilizando-se, para isso, de uma perspectiva evolucionista muito difundida no contexto em que escreveu. Frazer estabeleceu, partindo de uma análise tripartidária, a distinção entre magia, religião e ciência, defendendo que o antagonismo básico entre magia e religião estava fundamentado em diferentes concepções do funcionamento da natureza (Silva, 2014, p. 147).

Partindo desse ponto, Frazer primeiramente categorizou a magia como uma técnica, algo que pode ser praticado e executado de acordo com os princípios da causa e efeito. Ou seja, é necessária uma estrutura metodológica para executá-la, referenciais representativos que possam auxiliar no resultado que se deseja alcançar como por exemplo a realização de magia para mais em chuvas numa estação chuvosa (Brum, 2023, p. 18), e isso significa que precisa haver maneiras “plausíveis” de tornar tal prática de magia tangível e credível, ou seja “não é aqui um conjunto de crenças, mas a aplicação de métodos, algo muito próximo do que chamamos de ciência.” (Brum, 2023, p. 18). Mas apesar disso, Frazer defende a ideia da magia como algo arcaico, ocupando o lugar do primitivo em uma escala da evolução, o que a separa definitivamente tanto da ciência quanto da religião. Seguindo essa lógica, conclui Frazer (1983, p. 14-62; 63-78 *apud* Campos, 2022, p. 28):

A ciência é designada como um saber que pode ser testado por meio da experimentação; já a religião faria parte do conhecimento dogmático, cuja verdade era aceita sem uma verificação, por se basear no sistema de crenças e na fé dos indivíduos; por fim, a magia seria um conjunto de crenças em mitos e superstições. O terceiro estágio evolutivo da humanidade, apontado por Frazer, seria a ciência, devido à sua eficácia na experimentação de seus objetos, suplantando assim a religião e a magia.

Tendo estabelecido a metodologia de Frazer com relação a sua categorização da magia, ele a define em alguns princípios. Existem dois tipos básicos de magia, a imitativa e a contagiosa (Campos, 2022, p. 28). A primeira, imitativa, também mimética ou homeopática, é caracterizada pela performance e similaridade, ou seja, o praticante desempenha com o próprio corpo o resultado que ele deseja alcançar, literalmente imitando sob a lei de que o semelhante atrai o semelhante. Um exemplo disso é a dança das rosas ciganas, que busca através da dança e da vestimenta representar e canalizar com o corpo os arquétipos atribuídos às rosas com o propósito

de materializar essa energia na própria rosa e entregá-la a alguém (Marques, 2020). O outro tipo é a contagiosa, que propõe que a prática deve acontecer se utilizando de algo, seja por exemplo um cabelo, ou um objeto que pertence ou pertenceu a pessoa que se quer atingir, tanto esta quanto aquela partem do pressuposto de que a magia funciona e age por afinidade, e por isso ambas são chamadas de magia simpática (Frazer, 1983, p. 15 *apud* Campos, 2022, p.29).

De acordo com a etimologia de cada termo, homeopático vem da junção de duas palavras gregas “homos” que significa semelhante e “phátos” que significa afetar. Já o termo simpático, vem de “sin” que é junção e palavra que também constrói o termo anterior “phátos” (Brum, 2023, p. 18). Com relação às leis ou princípios mágicos, Frazer estabeleceu dois deles. O primeiro é a lei da contiguidade, ela determina que tudo o que um dia já esteve unido, mesmo quando separado produzirá efeito sobre sua metade oposta, é o que acontece com partes do corpo, com objetos pessoais... A segunda lei é a lei da similaridade, ou seja, de acordo com ela a magia tem caráter associativo e representativo, ou seja, uma representação seja em imagem ou objeto serve para conectar diretamente a magia com aquilo que se almeja atingir, como por exemplo no caso das imagens representadas de Jesus através de bonecos de gesso (Silva, 2014, p. 149). Há ainda uma terceira lei, que foi na verdade estabelecida em consenso entre os estudiosos posteriores a partir da segunda lei, e ela se manifesta de modo “o semelhante faz partir o semelhante provocando seu contrário”. Assim, jogar água no solo, por exemplo, atrairia a chuva, fazendo desaparecer a seca.” (Silva, 2014, p. 149).

Concluimos que James Frazer deixou um enorme legado para os estudos da magia no campo antropológico e social, e será um bom elemento comparativo para as discussões acerca da magia no mundo romano, e serviu de porta de entrada para muitos estudiosos que vieram posteriormente, embora suas teorias tenham algumas problemáticas e não mais sejam aceitas integralmente principalmente se levado em consideração seu pensamento evolucionista e primitivista, algo que já não é mais uma linha de pensamento vigente.

Certamente houve outros importantes teóricos e escolas a contribuírem para essas análises tais como a escola britânica com Malinowski, este que classifica a magia como um instrumento de ordem em determinada sociedade, sendo essa sua

função primária, e, portanto, passível a ser analisada sob essa perspectiva. Ou seja, tanto magia quanto religião, arte, economia e política são equiparados nesse sentido (Brum, 2023, p. 19). Malinowski realizou um extenso estudo sobre as práticas mágicas que foram reunidos em seu livro *Argonautas do pacífico ocidental* (1976), obra que se propõe a analisar as práticas mágicas em uma civilização indígena da Oceania, e essas análises se mostraram relevantes para as teorias gerais acerca da magia pois trazem átona uma nova óptica para esse campo. Sendo a magia, nessa perspectiva, um componente social, ela age como um invólucro para todos os elementos e relações dessa sociedade (Brum, 2023, p. 19). Brum complementa que:

No casamento, a magia estabelece os aspectos fundamentais da cerimônia e as regras dos tabus, assim como na construção das canoas, na criação de porcos e nas viagens. Tudo se torna mais trabalhoso, pois não basta apenas a técnica de saber fazer objetos importantes, mas há também a magia envolta nos processos. Uma canoa só poderá ser construída por alguém que domina tal arte, mas o construtor não fará uma canoa sem observar as regras da magia, pois, ainda que confie que sua canoa será bem construída, haverá sempre o imponderável. O rito mágico mobiliza toda a tribo na construção de canoas. Velhos, mulheres, crianças, chefes, doentes, bens, valores, comidas, roupas e tempo. Observa-se aí o fator de coesão da magia (Brum, 2023, p. 19).

E para além de campos mais palpáveis, a magia se estendia até a casualidade, ou seja, o conceito de casual era em sua maior parte estranho porque a magia estava em tudo e poderia influenciar tudo logo não há como os acontecimentos simplesmente não terem um motivo. A magia, nesse aspecto, pode fornecer malefícios ou benefícios, pode ser para prejudicar com doenças ou para aumentar a fertilidade da terra e das mulheres, portanto, está presente nas mentalidades. De acordo com Brum (2023, p. 19):

Nos demais casos, a magia é sempre complementar. Não há trabalho que deva ser executado sem a magia. A técnica e a magia seriam pólos componentes de um mesmo procedimento, ao lado da técnica está a experiência do executor, ao lado da magia está a tradição fixada em formas ritualizadas, transmitidas como realidade tácita e inquestionada.

A partir disso, pode-se concluir que a magia executa um papel de criação, o que a aproxima da ciência pela forma com que ambas operam através da natureza e

pela possibilidade de serem ferramentas agindo em serviço de quem as pode controlar (Brum, 2023). Pode-se dizer que em algum ponto as teorias de Malinowski e Frazer se aproximam no sentido de categorizar a magia como um método arcaico de explicar os fenômenos presentes na natureza e civilizações humanas.

A.R. Radcliffe-Brown veio também com a escola inglesa, já após Frazer e Malinowski e inclusive antagonizando-os, trazendo uma nova metodologia, esta que pretende analisar tanto a magia quanto a religião de acordo com suas práticas, com o objetivo de compreender qual a verdadeira função de ambas e o que as limita, e isso é chamado de funcionalismo estrutural. Neste caso, a magia ainda teria a função social, porém de maneira neutra, e isso significa que era isenta de “poder” próprio e poderia causar o bem ou o mal em igual medida, apenas a depender da intenção de seu manipulador.

A religião, por exemplo, é definida pela conexão com os ancestrais e a boa sorte dependeria desse culto, se diferindo totalmente da magia que por via de regra perturba essa ordem em favor de um desejo egoístico. Portanto, enquanto a religião é um mecanismo que estabelece uma coerência natural social, não necessariamente representa um método de pensamento obsoleto, enquanto a magia é caótica e não tem obrigação de obedecer. Porém o foco dessa teoria é dissertar sobre a prática tanto de uma quanto de outra, pois é isso o que de fato pode elucidar sobre o lugar de ambas dentro do cultural e social. Para Radcliffe-Brown, a prática é a questão mais importante, pois ela trabalha a partir de disposições representativas que possuem veracidade social quando executadas e são materializadas pelos ritos. Ele também prefere não categorizar ou organizar em pré definições, pois a essência da prática, dos ritos e do conceito é exatamente a ambiguidade e a pluralidade que elas podem carregar.

Adiante, Brum (2023, p. 20) cita que Evans-Pritchard contribuiu inicialmente através de sua obra *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Diferente de seus predecessores e alguns de seus sucessores, Pritchard não tinha pretensão primária de estudar magia e por isso foi a campo, mas tinha outra coisa em mente, porém ao se deparar com uma civilização extremamente mágica, fez deste seu objeto de pesquisa e concluiu então que “é o grupo pesquisado quem fornecerá ao antropólogo os temas que irá estudar, sendo que uma pretensão a priori pode ser mais um

empecilho do que uma boa alternativa de entrada.” (Brum, 2023, p. 20). Sua pesquisa foi feita com o povo Azande, da África do norte, e nessa sociedade foi constatado uma intrincada teia cujos arranjos definem a magia em todos os aspectos da vida e através dessa análise teórica o autor pode construir uma nova perspectiva para a magia na antropologia. Ele caracteriza os tipos mágicos como (Brum, 2023, p. 20):

Havia pelo menos quatro tipos de crenças mágicas. A bruxaria, a feitiçaria, a magia e os oráculos. Não fazendo distinção entre magia e religião, o autor afirma que essas crenças formam a estrutura religiosa Azande, sistema complexo e coerente com racionalidade intrincada. A bruxaria seria um fenômeno orgânico e hereditário, uma força mágica que opera às vezes de forma intencional, às vezes sem a intenção consciente do bruxo, de maneira que ninguém tem certeza quem é bruxo, e qualquer um pode ser, ou manifestar tal habilidade. A feitiçaria envolve ritos mágicos, portanto, possui caráter consciente e intencional, sendo mais perigosa do que a bruxaria, tendo como seu operador um feiticeiro que pode, ou não, ser um bruxo. “A bruxaria e a feitiçaria são o contrário da – e são contrariadas pela – boa magia” (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 186), pois esta sempre é operada no sentido de contra-feitiçaria, ou para resolver as questões da bruxaria, ainda que a própria feitiçaria seja uma medida contra a bruxaria. Os oráculos são a fonte de informação sobre quem é bruxo, quem está sob bruxaria ou feitiçaria, e o que deve ser feito.

Sua teoria se aproxima a de Malinowski referente a identificação de casualidade, ou seja, a magia faz parte de toda a realidade e cotidiano dos grupos estudados, estando presente em quase todos os acontecimentos de forma direta ou indireta e pode ser um elemento neutro que vai obter seu direcionamento de acordo com a intenção de seu praticante. Contudo, as características de ambas as teorias se distanciam nesse ponto pois Radcliffe-Brown categoriza a magia em tipos que se relacionam e fazem parte de uma cosmogonia com propósito bem definido e a concepção de magia por si mesma não serve para substituir, antagonizar ou anteriorizar a religião, mas sim para coexistir, acrescentar. Ou seja, a magia coexiste junto a materialidade e a religião, o que a diferencia é o contexto, o acaso que não necessariamente existe. Por exemplo, uma colheita não foi bem-sucedida, e não é negado o fator físico, como um descuido no arar da terra, tempo ruim e afins, porém o questionamento que sempre é feito é o por qual razão? Por qual motivo o que aconteceu, aconteceu nesse horário? Com essa pessoa em específico? Qual o objetivo do que aconteceu? Esses são pontos centrais (Brum, 2023.).

Outro aspecto relevante é a mentalidade da comunidade referente a bruxaria, que, de acordo com seus tipos de manifestação, é algo teoricamente impessoal por estar em todos os lugares e pessoas, ou seja, todos estão sujeitos a serem bruxos ou a sofrer com a bruxaria e isso gera uma maior compreensão e habilidade em lidar com esse tipo de fenômeno por parte da sociedade Azande. Em suma, a magia é uma força que agrega ao “científico” ou “acaso”, está em conformidade e se conecta com essas eventualidades de forma a fazer parte dos costumes sociais locais e preservar as instituições de ordem e hierarquia pois há o consenso de não intencionalidade e compreensão devido ao fato de a prática de bruxaria poder ser inconsciente e não exatamente ruim. Logo, não há tanto estigma sobre a prática da bruxaria, e sim nas formas de magia, se ela é boa ou ruim, e há grande diferença da prática da bruxaria para a feitiçaria e a figura do feiticeiro.

Saindo da escola inglesa, é necessária a citação dos antropólogos Marcel Mauss e Cláude Lévi-Strauss dentro deste tema, pois suas colaborações para os estudos sobre magia são muito pertinentes e suas teorias compõem as mais relevantes sobre o tema até os dias atuais.

Marcel Mauss classifica o ato de fazer magia como pertencente ao poder atribuído pela crença coletiva e que, portanto, não tem poder quando exercida individualmente. Sua classificação quanto a existência da magia varia em pelo menos três requisitos básicos, que é o praticante, no caso o magista, os ritos em si e as representações simbólicas que compõem essas práticas. Ou seja, a magia para ser praticada precisa ser baseada em práticas coletivas, mas não exatamente cultos, mas de cunho privado, em uma simbologia própria, já que ela é quem ilustra e “dá vida” a este rito e por fim o praticante, que é elemento fundamental porque é o representante dessa magia e garante que ela possa acontecer (Brum, 2023, p. 21).

Lévi-Strauss, muito influenciado por Mauss, também defende a teoria de que a magia e as práticas mágicas existem impulsionadas pelo fator fé, porque um grupo específico acredita em sua existência e eficiência. Sua abordagem possui alguns aspectos em comum com as teorias de outros antropólogos, conforme Brum (2023, p. 22) descreve:

É por isso que Paula Montero (1990) percebe que, com Lévi-Strauss, a magia desloca-se da manipulação da natureza, tal como

compreendia Frazer, para a crença coletiva, aproximando-se de Durkheim. Há uma crença coletiva e estruturada de que os distúrbios e a dor não são apenas individuais ou subjetivos, mas estão conectados a uma ordem cósmica que rege o mundo e que é expressa pelos mitos e ritos. Lévi-Strauss (2017) afirma que a crença na eficácia da magia tem que estar presente em três circunscrições: na coletividade, no doente e no próprio feiticeiro. Desse modo, Montero afirma que, para o antropólogo francês, o poder mágico não está imbuído nos objetos mágicos, nos gestos, nas palavras ou nos rituais, mas é conferido a eles pela crença coletiva em sua eficácia mágica. O poder do feiticeiro, portanto, não é atribuído porque sua magia é eficaz, mas sua magia é eficaz porque se acredita no seu poder de antemão.

Como principal característica Lévi-Strauss defende então a ideia de magia como um sistema de crenças coletivas que se retroalimenta e fornece contexto e explicação para os acontecimentos do mundo.

Dado o panorama, tais autores, bem como outros que foram seus contemporâneos e complementam com suas obras tais como Robert Codrington em *Melanesians: Studies in their anthropology and folklore* (1891) (Campos, 2022, p.30), Émile Durkheim com *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie* (1902) e Lévi-Bruhl com *La mentalité primitive* (1922) (Campos, 2022, p. 32), foram de relevância vital para a construção dos conhecimentos teóricos sobre a magia e suas concepções através do tempo.

Nota-se que poucos autores falam sobre a magia em termos de ascendência e construção conceitual, e focam mais em como ela se manifesta, categoriza e influencia as respectivas sociedades estudadas ou de modo amplo. Essa pontuação é relevante pois indica que não há muitas teorias sobre a origem dessa magia tanto como fenômeno quanto como instrumento que teve sua aplicabilidade e utilidade primárias. Sabe-se que ela está presente desde as primeiras civilizações, não tendo nada que documente sua origem em alguma cultura e contexto específico e o único consenso dos estudiosos nesse ponto é sobre sua palpabilidade em todas essas culturas através do tempo e espaço. Portanto, a magia é tratada na maioria das vezes como um objeto social e é mais frequentemente analisada, talvez por isso, no campo antropológico, embora seu estudo já passe também, principalmente na atualidade, pelo campo científico pelo estudo da alquimia. A característica que, no entanto, prevalece quando o assunto é magia, é sua concepção comum como uma força que

permite a alteração de eventos, situações e coisas para um estado antinatural ordenado a gosto de quem dela consiga se aproveitar.

Com o quadro teórico estabelecido, o que serve de alicerce e introdução para uma visualização assertiva e embasada sobre este tema, o foco se estabelecerá no fenômeno magia dentro do império romano antigo, especificamente no período do principado. Para iniciar o tópico, é importante ressaltar novamente a importância do vocábulo para a designação do tipo de magia e seus praticantes, mas principalmente para definir sua representação e seu papel desempenhado, seja em ritos mágicos ou literatura.

A magia contextualizada no mundo romano antigo, especialmente no período do principado, é dotada de algumas particularidades quando vista sob o prisma das principais teorias antropológicas. Alinhada com esta visão, Silva (2014, p. 149) elabora:

Em relação ao mundo romano antigo e às propostas de Frazer, vemos que é muito difícil definir as diferenças para os romanos entre magia teúrgica, goetia, e práticas religiosas que comportam ritos mágicos, também não é fácil distinguir as fronteiras entre magia e religião. Assim, as teorias que veem uma evolução entre tais práticas, propostas por Frazer, não podem ser cabíveis para se pensar a magia na Antiguidade romana.

Logo, é no mínimo complicado definir fronteiras para a magia de um povo tão intrinsecamente conectado com as práticas mágicas como o romano, especialmente se essas fronteiras são responsáveis por definir o que é bom e o que é o mal, conceitos que frequentemente se misturam nos ritos romanos.

Contudo, existem duas concepções primárias que definem a magia romana: a *goeteia* e a *theourgia*. A *goeteia*, termo que é caracterizado por Platão e “significava um tipo de magia que se utilizava de temores e problemas cotidianos das pessoas.” (Campos, 2022, p. 46). Ademais, englobava as práticas que eram consideradas más e charlatãs, já a *teurgia* representava as práticas para os deuses oficiais, além de se estender para o campo de estudos filosóficos, o que a tornava circular dentre os intelectuais de Roma (Silva, 2014). Ou seja, a *goeteia* era de cunho cotidiano, não oficial, enquanto a *teurgia* eram as práticas oficiais e de caráter também filosófico, estudioso. Silva (2014, p. 151) traz ainda a seguinte interpretação:

“As práticas comumente reconhecidas como γοητεία são: viagens para o inferno, práticas mediúnicas, necromancia, simpatias, maldições, e todo tipo de persuasão oculta” (CORNELLI, 2001, p. 27). Já a teurgia, de acordo com Joseph Bidez (apud DODDS, 2002, p. 284), era um tipo de prática de magia baseada na relação entre espíritos celestes. O objetivo principal da teurgia era, assim, atingir as forças divinas, sendo normalmente oposta a goeteia, que invocaria forças maléficas, na crença dos antigos romanos. A teurgia, portanto, era uma assimilação de rituais religiosos e especulações filosóficas com uma base mágica. A fim de atingir o conhecimento, dessa maneira, os filósofos teurgos praticavam ritos mágicos. Conforme Jacyntho Lins Brandão (1991), a magia ligada à filosofia, por um lado, era considerada um conhecimento místico, por outro lado, era uma espécie de conhecimento científico, o que fazia com que fosse aceita por largas faixas das camadas mais eruditas do Império Romano.

Pode-se afirmar, portanto, que a magia era parte das relações de poder e era alvo de disputas de poder. E ela estava presente nas mais variadas áreas da vida de acordo com as *defixiones*, lâminas de chumbo bastante utilizadas nos ritos com súplicas mágicas (Silva, 2014), como em questões jurídicas ou familiares e amorosas, podendo abranger até mesmo os esportes, comércio e desafetos. Os pedidos poderiam focar seus ganhos ou na desgraça do outro, para exemplificar.

É relevante levar em consideração que o que define o cunho dessa magia muitas vezes, mais do que termos ou representações, são as observações referente a conduta e intenções do praticante. Ou seja, a magia em muitos contextos era vista com ambiguidade, especialmente pela elite de Roma.

II – LEVANTAMENTO HISTORIOGRÁFICO SOBRE AS FEITICEIRAS ROMANAS NO CENÁRIO BRASILEIRO.

II.1 – O conceito de feiticeira romana

Tendo em vista os principais conceitos acerca da magia e das práticas mágicas no mundo romano antigo, o papel do agente responsável por executar esses rituais é também múltiplo e muito relevante para a compreensão desse complexo sistema. Para melhor contextualizar a definição do que eram as feiticeiras romanas, é

necessário primeiramente discorrer sobre a concepção do operante mágico nesse cenário de forma geral.

Assim como etimologicamente há uma pequena variedade de termos designados para representar magos e feiticeiros na antiguidade, bem como para descrever suas funções e ritos específicos, não há exatamente uma única conceituação do que é um mago, e suas características são variadas de acordo com a fonte analisada (Campos, 2022).

Delimitando para as definições latinas, Apuléio, em *Apologia*, possui três definições para o que é um mago (Campos, 2022, p. 51):

- 1- Sacerdote na língua dos persas (*Apologia*, 25, 9);
- 2- Especialista envolvido na educação de um príncipe persa a quem ensina as formas corretas de culto e de comportamento real (*Apologia*, 25, 10);
- 3- Pessoa capaz de se comunicar com os deuses e satisfazer desejos através de feitiços. (*Apologia*, 26, 6).

A partir dessa concepção, Campos (2022, p. 51) complementa:

Segundo Fritz Graf, em *Theories of Magic in Antiquity* (2002, p. 94), tais definições mostram que nossas categorias modernas de religião e magia não se sustentam para o Mundo Antigo. Para Graf (2002, p. 94), a terceira definição de Apuleio é vital, pois daria a base do conjunto magia e mago, ou seja, como ela funciona. A base da magia é a comunicação entre seres humanos e sobre-humanos, "deuses imortais", e seus recursos específicos são os feitiços, cantamina. O que caracteriza um mago é sua proximidade incomum com o sobre-humano. A partir de Apuleio, Graf reflete a magia como uma conexão entre os humanos e o sagrado, tendo como principal veículo a fala, a palavra poderosa e não o ritual, como ato poderoso.

Com Apuleio, pode-se concluir, portanto, que o mago age como uma conexão entre o humano e o não-humano, o ser humano e o superior. Para Plotino, um feiticeiro é aquele que manipula as forças universais, de acordo com a lei da simpatia de Frazer, para seu próprio proveito. Ele ainda aponta algumas considerações novas sobre a magia (Campos, 2022, p. 53):

A primeira, que a magia depende de forças ativas do cosmos e que produz laços entre as partes envolvidas na ação mágica. Em certo sentido, podemos dizer que Plotino insiste que a própria magia é essa força (GRAF, 2002, p. 102). A segunda visão é da magia como um campo especial de atividade, pois se configura como a intenção da pessoa que faz uso de uma força abstrata. O praticante de magia é um especialista capaz de conectar as forças sobre-humanas e usá-las para seus próprios fins. Logo, uma intenção diferente de um ato de fala pode resultar em uma ação mágica distinta também. Isso parece acontecer quando Plotino explica a força específica dos feitiços, e diz que haveria um poder de atração quando os feitiços se utilizam de cânticos, pois a melodia e a entonação atuam na construção do elo mágico, pois isso encantaria a alma (Enn. 4. 4, 40). Através de Plotino, percebemos que um feitiço tem diferentes níveis de especificidade e formas de atuar sobre a esfera humana (GRAF, 2002, p. 103).

Outros autores também possuem grande importância na construção desse arquétipo como H. D. Betz, que classifica os magos em duas categorias diferentes, sendo elas: “ 1 – Um associado aos santuários de divindades gregas e egípcias; 2 – O praticante de magia itinerante, o qual se valia de uma diversidade de deuses e cultos em suas ações mágicas.” (Campos, 2022, p. 54), e os retrata como grandes conhecedores dos vivos e dos mortos, além de também conhecerem os rituais e dogmas de diferentes religiões (Campos, 2022).

Conclui-se com base nos estudos principalmente literários que o mago pode possuir algumas facetas e papéis diferentes de acordo com sua representação, como vidente ou sacerdote e curandeiro ou fraude, e isso significa que sua imagem está atrelada aqueles que precisam de seus serviços e ou aqueles que se sentem ameaçados, isso significa que o mago por si mesmo carrega porta uma característica sombria e misteriosa (Campos, 2022).

Quanto às feiticeiras femininas, a criação de Ságana e Canídia por Horácio marca a criação do estereótipo que, até os dias atuais, é responsável por trazer a imagem que vem à mente imediatamente após pensar no termo “feiticeira”, a de velha, feia, má e poderosa (Silva, 2023). O termo saga, que vem do verbo sagire, significa literalmente “compreender de maneira penetrante” (Campos, 2022, p. 54). Ele caracteriza uma feiticeira como uma maga (Campos, 2022), portanto, uma sagae

detém e busca conhecimento, sabendo o que existe e pressagiando o que está por vir.

A feiticeira se liga principalmente com a busca pelo conhecimento e a adivinhação do que virá no futuro, bem como o conhecimento de eventos passados. Embora neste quesito a saga e o feiticeiro sejam semelhantes, a feitiçaria na literatura romana foi algo vinculado principalmente à mulher. Algumas das feiticeiras que corroboram com isso são (Campos, 2022, p.56):

Circe (Hom. Od. 10. 203–47); Medéia (Eur. Med. 113–1230; Ap. Rhod. Argon. 3–4); Simaeta (Theoc. Id.2); Dido (Verg. Aen. 4.450–705); Canídia e Ságana (Hor. Epod. 5 e 17; Sat.1.8); Circe e Proselenos (Petr. Saty. 131); Deianeira e a Medéia latina (Sen. Herc. e Med.); Ericto (Lucan. Phar. 6. 438-830). Ogden (1999, p. 60–67) também ressalta as feiticeiras de Apuleio, no Asno de Ouro: Méroe e Pantia (1.5–19); Panfília (2.32; 3.15–8).

É importante analisar também o papel das feiticeiras enquanto representações, sua criação e papéis ao longo da literatura romana estão sujeitas aos propósitos de quem as concebeu, cuja alegoria pode ter o objetivo de valorizar ou alertar. De acordo com Silva (2023. p. 354):

Portanto, ao escrever seus poemas sobre as feiticeiras, Horácio estabelece um diálogo com a camada social que faz parte e mostra que não admite ser a magia algo masculino, isso contraria o ideal guerreiro romano, indo em oposição à construção do austero, resistente e verdadeiro cidadão de Roma. Da mesma forma, o poeta corrobora as pautas morais que em breve seriam colocadas em cena pelo imperador. As ímpias práticas de magia se opunham aos costumes ancestrais (*mores maiorum*), só podendo ser uma prática de mulheres, consideradas desmedidas, especialmente no que diz respeito à libido e ao amor.

A partir dessa colocação, conclui-se que a representação da feiticeira na literatura latina vai além do que descrito nos poemas e contempla os interesses dominantes.

2. 2 - As feiticeiras na historiografia brasileira

No Brasil, as feiticeiras romanas têm sido objeto de estudo de seis pesquisadores. Entre eles, destaca-se Carlos Eduardo da Costa Campos, professor

adjunto de Arqueologia, História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor (2014-2017) e mestre (2011-2013) em História com enfoque em política e cultura da Antiguidade Romana, Campos aborda o tema em seu livro “*As tabellae defixionum da região do Lácio (I a.C. – II d.C.): tradução, análise textual e hábito epigráfico*” (2022). Sua obra organiza e expande o estudo das feiticeiras romanas de maneira cronológica e abrangente, oferecendo novas perspectivas sobre o gênero e as representações da magia na sociedade romana.

Outro nome relevante é Semíramis Corsi Silva, professora adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde também se doutorou, obteve o mestrado e concluiu sua graduação em História pela UNESP, campus de Franca. Silva dedica-se ao estudo da imagem da mulher feiticeira no contexto romano, abordando temas de gênero e magia, como em “*A imagem da mulher feiticeira como expressão da diferença de gênero em Roma: os poemas de Horácio e Ovídio*” (Klepsidra: Revista Virtual de História, 2007) e em “*Gênero e magia em Roma: as feiticeiras Canídia e Ságana na sátira I, 8 de Horácio*” (2023). Nesses trabalhos, Silva analisa as feiticeiras romanas como praticantes de magia, destacando suas representações literárias e a influência do contexto social e político romano sobre essas construções simbólicas.

Deivid Valério Gaia, professor adjunto de História antiga na UFRJ e Gabriel Paredes Teixeira, editor da revista gaia da UFRJ, ambos membros do laboratório de história antiga da UFRJ, que juntos possuem um artigo chamado “*Representações da bruxaria na literatura romana entre os séculos I a.C. e II d.c: uma abordagem histórica e antropológica*” que discorre os estudos antropológicos sobre a magia no cenário atual e ao longo da História.

Sarah Silva Tolfo, graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atualmente doutoranda em História pela mesma instituição, com período sanduíche na Universidad Autónoma de Madrid, também contribui significativamente para o campo. Em sua dissertação de mestrado, “*Saga Manus: gênero e transgressão em praticantes de magia na Roma Antiga*” (2020), Tolfo explora os estereótipos e representações literárias da feiticeira romana, examinando seu papel no imaginário e na literatura da época.

Por fim, Arlete José Mota, professora associada do Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua desde 1994, possui mestrado e doutorado em Língua e Literatura Latinas (UFRJ) e realizou pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2016. Em seu trabalho “*A decisão de Príapo, na sátira I, 8 de Horácio: a fuga das feiticeiras como representação de uma nova era*” (2013), Mota realiza uma análise textual que integra elementos narrativos da sátira de Horácio com o contexto simbólico e ideológico de Roma, revelando as mensagens subjacentes influenciadas pelo cenário político da época.

Esses estudos, realizados por acadêmicos com formação sólida em História, Epigrafia, Arqueologia e Letras, contribuem para a compreensão das complexas relações entre gênero, poder e práticas mágicas na Antiguidade Romana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao ouvir a palavra “feiticeira”, uma série de características bem específicas vêm à mente, o que se deve ao senso comum – um conjunto de crenças amplamente aceitas e transmitidas coletivamente, sem que, necessariamente, haja comprovação científica ou crítica. Este trabalho teve como um dos objetivos investigar e explorar as raízes desses preconceitos em relação à figura da feiticeira latina, compreendendo como a construção desse arquétipo se consolidou e ultrapassou as barreiras do tempo. Para isso, foi necessário, além de contextualizar e expandir a pesquisa para temas relacionados, como a magia e a figura do mago, discorrer sobre o papel das feiticeiras na sociedade romana e suas representações na literatura, estas últimas diretamente responsáveis pela consolidação dessa imagem, sendo intencionalmente construídas e perpetuadas.

A partir deste estudo, é possível concluir que a representação dessas figuras na literatura romana, especialmente com a criação das primeiras feiticeiras literárias Canídia e Ságana por Horácio (Sátira I, 8, 35), teve um papel fundamental na formação e manutenção do estigma sobre a magia e suas praticantes. Essa conclusão reflete o entendimento de que toda criação artística é fruto de seu tempo e das ideologias do autor; no contexto romano, a literatura era um meio simbólico de

transmitir lições que deveriam ser incorporadas ou rejeitadas pela sociedade. A análise dessa simbologia sugere que tais autores não estavam imunes às ideologias sociais e políticas que os cercavam, e qualquer representação deve considerar esses fatores.

Portanto, as feiticeiras desempenhavam diferentes papéis dentro da sociedade romana e assumiam distintas personas em suas representações artísticas, especialmente nas literárias. Estudá-las abre um leque de possibilidades para explorar nuances da história romana através de suas próprias construções simbólicas. Expandir esses estudos para a atualidade permite compreender a força da representação na História humana, particularmente com a imagem da feiticeira, uma figura antiga que permanece relevante até hoje, sugerindo a ausência de fronteiras temporais para certos ícones. Em vista disso, os estudos acadêmicos sérios sobre as feiticeiras e a magia, especialmente no Brasil, ainda carecem de expressividade; assim, não se pode considerar esse campo irrelevante, dado que há muitas possibilidades a serem exploradas.

Abordar a magia nas salas de aula contemporâneas ganha uma nova perspectiva devido à forte influência desse fenômeno na cultura pop, tornando-se essencial inseri-la em seu contexto histórico, que, como verificado, foi responsável por grande parte do conhecimento e dos estigmas que ainda existem. Discutir as feiticeiras envolve falar sobre gênero e papéis sociais, enquanto falar sobre magia é também abordar a pluralidade de experiências e processos de pensamento que caracterizam os rituais de uma sociedade, os quais, ao longo da História, foram variados. Nos dias atuais, essa abordagem é não apenas relevante, mas necessária.

BIBLIOGRAFIA:

BRUM, Asher; CABRAL FILHO, Oclécio Alves. **A magia como objeto de estudo da antropologia: de Frazer à Lévi-Strauss**. In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; MOTA, Arlete José. TRIVIA Estudos interdisciplinares sobre as práticas da magia na Antiguidade. Vol. 1. Vassouras: Universidade de Vassouras 2023.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **As tabellae defixionum da região do Lácio (I AEC-II EC) [recurso eletrônico] : tradução, análise textual e hábito epigráfico**. Carlos Eduardo da Costa Campos. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **Currículo do sistema currículo Lattes**. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/7804720022724209> >. Acesso em: 20/10/2024.

GAIA, Deivid Valério; TEIXEIRA, Gabriel Paredes. **Representações da bruxaria na literatura romana entre os séculos I a.c e II d.c: uma abordagem histórica e antropológica**. Phoênix, Rio de Janeiro, 25-2, 120 - 140, 2019.

MOTA, Arlete José. **Currículo do sistema currículo Lattes**. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/1268387557493516> >. Acesso em: 20/10/24.

SILVA, Semíramis Corsi. **A Contribuição da Antropologia para a História da Magia no Principado Romano: um estudo a partir da documentação textual**. Revista Labirinto, Porto Velho-RO, Ano XIV, Vol. 21, p. 144-171, 2014. ISSN: 1519-6674.

SILVA, Semíramis Corsi. **Currículo do sistema currículo Lattes**. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/9330942433476742> >. Acesso em: 20/10/2024.

SILVA, Semíramis Corsi. **Gênero e Magia em Roma: as feiticeiras Canídia e Ságana na Sátira I, 8de Horácio**. SILVA, S. C [et al]. **Magia, encantamentos e feitiçaria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023.

SILVA, Semíramis C. **Relações de poder em um processo de magia no século II d.C. Uma análise do discurso Apologia de Apuleio**. Dissertação de Mestrado. Franca: UNESP, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2006.

TOLFO, Sarah Silva. Escavador, 2023. Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/4906438/sarah-silva-tolfo> >. Acesso em: 20/10/2024.

VESCHI, Benjamin. **Etimologia de magia**. Etimologia, 2019. Disponível em: < <https://etimologia.com.br/magia/> >. Acesso em: 10/07/2024.